

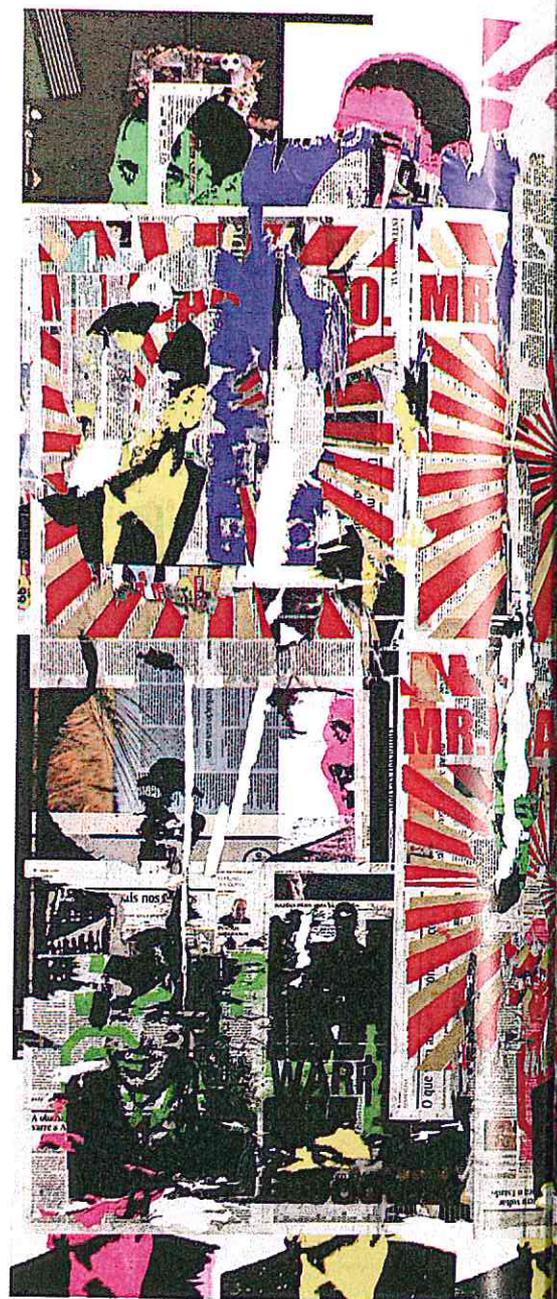
# ARTE MADE IN ANGOLA

**INVISTA EM ARTE. O MERCADO É MENOS VOLÁTIL DO QUE, POR EXEMPLO, O DAS AÇÕES INTERNACIONAIS E - SE AS ESCOLHAS FOREM BEM-FEITAS - OS LUCROS SÃO GARANTIDOS. HÁ OBRAS QUE VALORIZAM 200% EM TRÊS A CINCO ANOS**

TEXTO DE JOANA FLORA

**O** conhecimento sobre os artistas é uma peça chave para bons investimentos. "Em Luanda, existem sensivelmente 23 colecionadores particulares, fora as coleções de instituições públicas e privadas. Além disso, já existe uma média de 30 artistas em Luanda capazes de sobreviver apenas com os ganhos da sua arte", confessa Marita Silva, presidente da Fundação Sindika Dokolo, instituição que é considerada um modelo a ser seguido por outros investidores particulares, com mais de 3200 obras de arte, tornando-se a maior e mais valiosa colecionadora de arte contemporânea africana em Angola.

O mercado artístico é um bom negócio e a arte contemporânea é a prova viva disso. Que o confirmem duas das maiores casas de leilões do mundo, responsáveis por licitar valiosas obras de arte. Em Novembro, no final do ano de 2012, a marca britânica Sotheby's fez o maior leilão dos seus dois séculos e meio de existência. Numa só noite arrecadou mais de 350 milhões de dólares com a venda de obras de arte contemporânea. Na mesma altura, a concorrente inglesa Christie's bateu o recorde do maior leilão da história da arte contemporânea, ao conquistar mais de 385 milhões de dólares em duas horas e meia de licitação. Os números não enganam. O relatório da Artprice de 2011/2012 -



**CALL ME É UMA OBRA DE YONAMINE**  
Está patente na Fundação PLMJ, foi concluída em 2010 e revela um dos maiores talentos angolanos. As grandes telas, como esta, rondam os 8500 dólares americanos

empresa francesa líder mundial de informação sobre o mercado da arte - confirma-o. "Em 2012, os preços da arte contemporânea demonstraram novamente uma boa resistência. Num contexto de mercados financeiros em rápida contracção, em todo o mundo, o mercado artístico reagiu suavemente: menos 4% entre Julho de 2011 e Junho de 2012." Na verdade, no período homólogo venderam-se 662 obras de arte contemporânea na Ásia, 382 nos Estados Unidos e 324 na Europa, por mais de 120 mil dólares. A explicação é simples: há menos dinheiro a circular mas há mais colecionadores privados, museus, centros e fundações de arte a crescer em todo o mundo. Angola não foge à regra e começa a colorir a cena mundial.

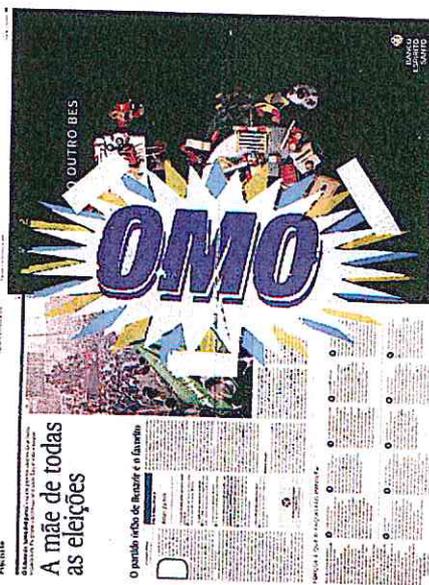
+244-923 65 37 41



### YONAMINE

Muitas das suas obras já quadruplicaram de preço e é um dos maiores artistas plásticos nacionais. Quer fazer uma exposição individual em Angola que mostre todo o seu talento, o que até agora não concretizou. Sonha ter um *atelier* em Luanda, mas para isso "terão de estar garantidas as condições mínimas: luz e água 24 horas por dia". O artista alerta ainda que falta preparação para entender e promover a arte contemporânea nesta sua terra natal

FOTO DE TIAGO MWIRANDA



### OMO E A TRANSPARÊNCIA

Os recortes de jornal são um dos alvos preferidos de Yonamine. Servem de base de trabalho e de suporte de crítica político-social

### RAZBULA

É inspirado naquilo a que chama o 'príncipe de canabis'. O jornal continua a ser a base

que suporta a impressão serigráfica



**De Angola para o mundo**

A Bienal de Veneza, exposição de arte mais antiga e prestigiada do mundo, que se realiza em Itália, abriu as portas a África em 2007. Pela primeira vez foi criado um pavilhão africano, comissariado por Fernando Alvim, curador e vice-presidente da Fundação Sindika Dokolo, e pelo crítico de arte dos Camarões Simon Njami. *Check List Luanda Pop* foi o nome da mostra de colecção de arte exibida na Bienal, e que pertence à fundação do marido de Isabel dos Santos (Sindika Dokolo).

“Compete aos europeus absorverem sem preconceitos as obras dos artistas angolanos, para que possam ter uma percepção mais contemporânea da civilização africana. O mercado da arte em Angola é também uma consequência da estabilidade económica e política do país. O desenvolvimento da arte contemporânea angolana está em franco crescimento e terá provavelmente um impacto na história e no mercado europeu”, revela Fernando Alvim.

O mercado angolano, porém, ainda tem um caminho a percorrer. Falta um centro cultural de arte contemporânea – que está projetado pela Fundação Sindika Dokolo e previsto para este ano, em Luanda – e um circuito organizado de galerias, que estimulem tanto a procura como a oferta. Só assim os interessados poderão estar a par do mercado artístico e da respectiva cotação das obras. “O Estado, as empresas públicas e privadas e alguns particulares adquirem obras de arte de uma forma constante. Ainda não temos um número suficiente de galerias de arte”, explica o curador angolano.

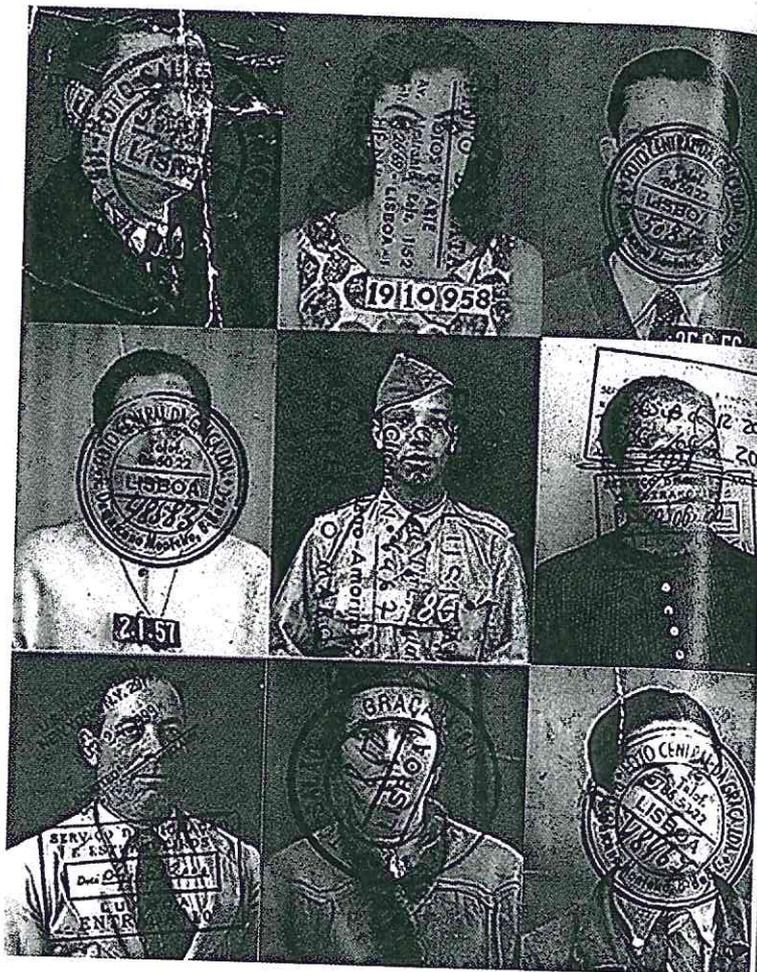
**Em quem investir?**

O truque, para ninguém sair enganado ou desiludido, está em descobrir em quem realmente deve investir. Alguns artistas plásticos angolanos conseguem que as suas obras valorizem mais do que 200% em poucos anos. É o caso de Yonamine, que desde que começou já viu o preço das suas obras a quadruplicar. É considerado um dos melhores artistas angolanos da nova vaga.

“Os preços dos artistas dependem essencialmente de quanto o comprador está disposto a pagar. O mercado é um improvisado. Mas não há dúvida de que os valores aumentam consoante a visibilidade do artista. O Yonamine é um dos grandes nomes e as peças dele, de 1,80 m por 1,80 m, podem rondar os 8500 dólares.” Quem o garante é Miguel Amado, comissário da Fundação PLMJ, colecção de arte da sociedade de advogados PLMJ, líder em Portugal, e o primeiro curador português a ser contratado pela Tate Gallery, principal instituição museológica do Reino Unido.

**O criador plástico do momento**

Nove meses mais velho do que a República de Angola, Yonamine Miguel – Yona para os amigos – nasceu em Luanda. “Cresci numa das épocas mais difíceis de Angola, o país estava a transformar-se e a procurar a sua imagem real, mas cheirava a guerra. Portanto, acabei por me mudar para o ex-Zaire e de lá



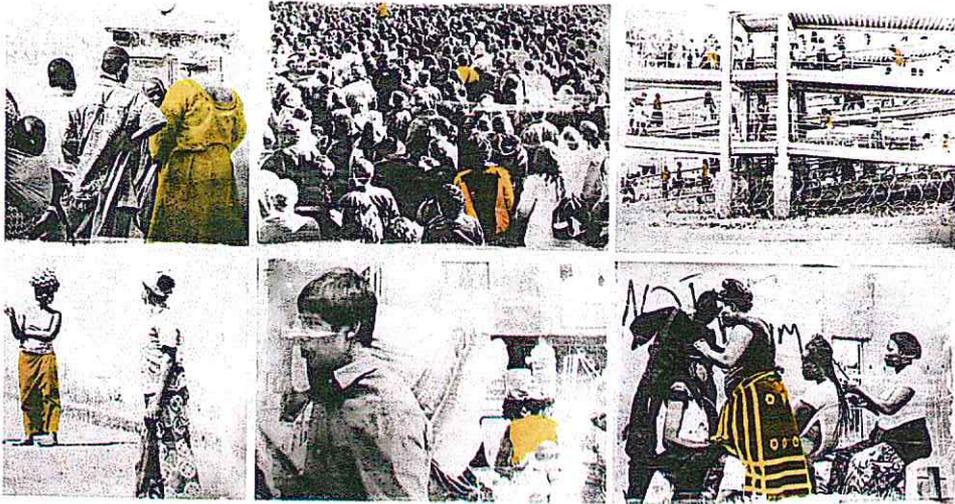
**MEMÓRIAS DO PASSADO E BUROCRACIAS DO PRESENTE**

Estas fotos foram adquiridas por Délio Jasse numa feira de rua. Os carimbos espelham os incómodos que a burocracia traz às vidas dos cidadãos do mundo e à economia

fui para o Brasil, Portugal e Inglaterra. Foram choques culturais uns em cima dos outros. Mas senti necessidade de voltar para Angola e aos 18 anos reaprendi a gíria da minha terra, entrei nos musseques do meu bairro e senti o cheiro da buala. Tentei entender a minha africanidade.”

O grupo de artistas Os Nacionalistas foi o resultado da identidade encontrada. Juntamente com Lino Damião e Paulo Kapela, dois nomes de artistas contemporâneos a decorar, Yonamine desenvolveu o projecto Portas Abertas, em Luanda, em 2000, que se repetirá em 2014. “Estávamos no pico da guerra, mas queríamos mostrar que Angola não era aquilo. Queríamos mostrar a arte, juntar artistas e mudar mentalidades. Fizemos performances, música e várias exposições. Levámos os miúdos da rua para dentro dos ateliers. Invadimos o Elinga Teatro com arte”, orgulha-se o artista plástico.

A I Trienal de Luanda, em 2007, revelou Yonamine ao mundo. O maior evento de arte contemporânea de Angola já vai para a terceira edição este ano e tornou-se uma peça chave para dar visibilidade ao mercado nacional, não só no plano internacional, mas também permite que os angolanos conheçam os seus artistas conterrâneos.



### CONTAMINAÇÃO CHINESA

As fotografias foram captadas em Angola por Délio Jasse e a cor amarela retrata a influência da China na reconstrução nacional em curso

### DÉLIO JASSE

Está no lote dos artistas plásticos que irá dar cartas em 2013. Nascido em Angola, foi convidado a participar na primeira edição do JAANGO – 1.º Movimento de Jovens Artistas Angolanos, apoiado pelo BESA. Os seus trabalhos podem chegar aos 3900 dólares



### KILUANJI KIA HENDA

O artista, nascido em Luanda e com nome de guerreiro, marca a nova geração de artistas angolanos. É na fotografia que se destaca e no ano passado ganhou o Prémio Nacional de Cultura e Artes, promovido pelo Ministério da Cultura em Angola, devido à sua internacionalização



### UM RECUERDO PARA TI

É uma obra de Kiluanji Kia Henda, elaborada em 2009. São provas cromogéneas dedicadas ao povo



### NUMBERS

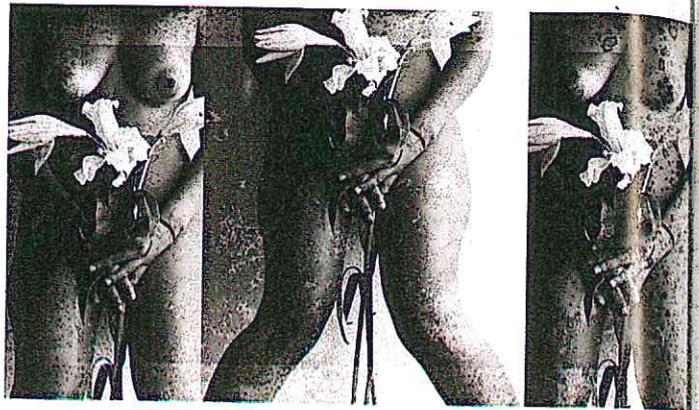
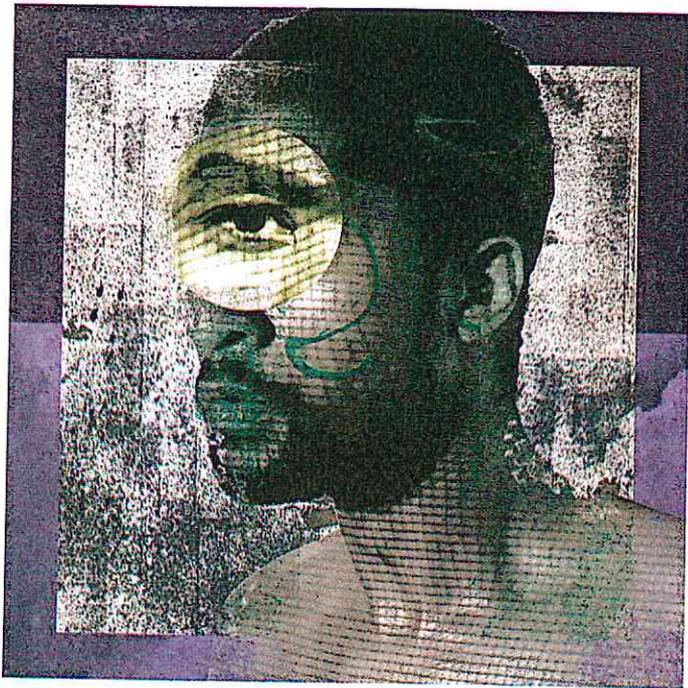
Um crucifixo português, numerado e abandonado, mas recuperado pelo olhar descomplexado de Henda

É com base na visibilidade que o guia de arte *online* Artfacts.net – motivo de grande discussão dentro da comunidade artística mundial – posiciona os artistas num *ranking* e ordena-os em função do êxito das suas exposições. Georg Frank, professor e doutorado em Economia, apelidou este processo de análise como “economia da atenção (ou da fama)”.

Yonamine aparece pela primeira vez no *ranking* da Artfacts.net em 2005, altura em que inicia as exposições para a Trienal de Luanda. “Quando Fernando Alvim faz connosco um contrato de exclusividade, põem-nos no circuito. Angola estava em *power* e

a Trienal de Luanda estava a salivar pelo que queria mostrar. É aí que sou consagrado em Angola! E era inevitável que tivéssemos ido parar a Itália. A Bienal de Veneza foi a confirmação de que Angola estava a entrar no roteiro mundial de arte”, explica Yona.

O seu mais recente trabalho agitou a Alemanha no ano passado. Durante o mês de Janeiro, a sua preocupação será tratar dos restos mortais de *Arbeit macht Frei* – frase alemã que nos remete para a Segunda Guerra Mundial, onde era possível observar uma placa de metal com a frase “o trabalho liberta” por cima dos campos de concentração. “Fui convidado para falar de arte ur-

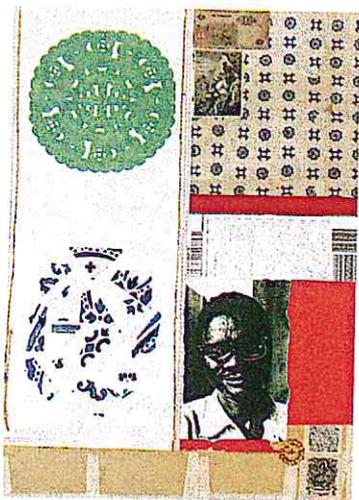


❶ **MULHER MADURA**

São frames de um vídeo que reflecte a maturidade feminina. "DZzzz" (som de um mosquito), é como gosta de assinar e não conhece limites artísticos. Ousa até retratar, noutras peças, a forma como os ocidentais vêem os africanos

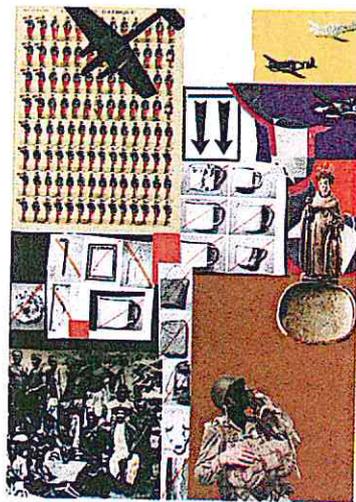
❷ **NÁSTIO MOSQUITO**

Brinca com o próprio retrato. É um visionário, faz performances, é produtor e realizador, escreve, canta e, acima de tudo, provoca



❸ **CADERNOS DE BORDO...**

É uma colecção de António Ole, de 2007, que retrata as viagens que tem feito pelo continente africano



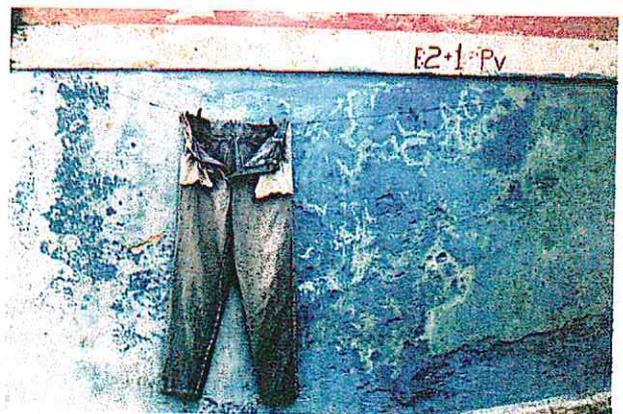
❹ **... E MAIS CADERNOS**

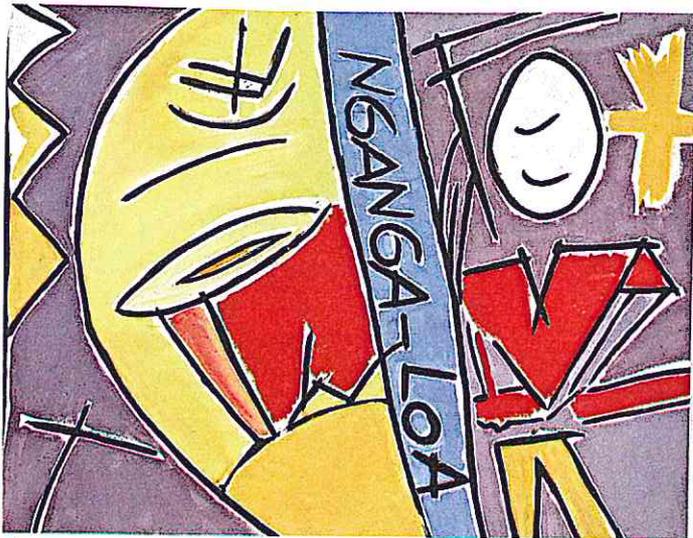
Ao longo de 45 anos de carreira, Ole sempre registou todos os momentos, procurando a identidade angolana

❺ **COM OU SEM ROUPA?**

Fotografia montada em alumínio, em 2002, pelas mãos de Ole. É um estendal de uma obra sem título, que mostra o dia-a-dia nacional. Em Portugal está patente na Galeria 111

**ANTÓNIO OLE**  
É uma referência incontornável e um bom investimento. Começou na década de 60 e pinta, trabalha com fotografia, é cineasta e faz instalações. Acredita que os artistas têm toda a liberdade e é dos mais bem cotados. "Por isso mesmo tenho uma rotação alta e obras de uns milhares de dólares", sublinha





### ● LINO DAMIÃO

O artista criou *Os Nacionalistas*, com Yonamine. Esta obra funde a cultura de Angola e Moçambique, depois de ter trabalhado com o moçambicano Jorge Días

banas e intervenção em espaços públicos na Alemanha. Comecei por riscar um mural e colar frases provocatórias para medir a temperatura da cidade. Queria preparar a parede para depois arrancar tudo e fazer o meu verdadeiro trabalho. O povo não gostou. Pregaram na parede um peixe com cabeça e um bife. Queriam-me dizer que aquilo não era carne nem peixe. Aí, não gostei eu. Peguei nas folhas e queimei tudo. Depois fui comprar umas urnas funerárias e tatuei o nome do meu trabalho, que vou mostrar em Janeiro na exposição comissariada por Fernando Alvim e Simon Njami, que se chama *No Fly Zone*, no Museu Colecção Berardo, em Lisboa. Também vão estar na exposição o Kiluanji Kia Henda e o Nástio Mosquito.”

De um *ranking* com 38.827 posições, Yonamine ocupa a 3315.ª, à frente de Mario Testino (3965.ª) e Karl Lagerfeld (3906.ª). Isto é, a nível de popularidade, segundo o Artfacts.net, em 2012 Yonamine superou o trabalho do famoso fotógrafo de moda peruano ou do *designer* de moda da Casa Chanel.

### O fotógrafo que agita a Europa

Kiluanji Kia Henda disputa o *ranking* no lugar 5339.º Ele, nascido em Luanda e com nome de guerreiro, marca a nova geração de artistas angolanos. É na fotografia que se destaca, e no ano passado ganhou o Prémio Nacional de Cultura e Artes, promovido pelo Ministério da Cultura em Angola, devido à sua internacionalização.

Para ele, a III Trienal de Luanda, este ano, já não é novidade. À semelhança de Yonamine, foi a I Trienal de Luanda, em 2007, que lhe deu asas para voar. Desde aí, está a uma velocidade astronómica e o valor dos seus trabalhos não pára de aumentar. As suas peças de arte encontram-se à venda a partir de 3600 dólares, mas já chegou a comercializar uma instalação por cerca de 36 mil dólares.

Kia Henda já passou pela 3.ª Trienal de Guangzhou, a terceira cidade mais populosa da China, pelo Brasil, com uma exposição no Museu de Arte Moderna da Baía, e pela Bienal de São Paulo, um dos maiores eventos de arte do mundo. Paris, Berlim, Nova Iorque, Utrecht ou o Cairo já não são novidade. Lisboa, cidade que divide com Luanda o piso do artista, também recebeu o seu trabalho de braços abertos. O prémio BESphoto, em Lisboa, abriu o leque em 2011, quando se alargou pela primeira vez aos países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). O luandense foi um dos finalistas nesta edição. “Eu já conhecia o trabalho dele e já o tinha adquirido para a Fundação PLMJ. Ele é uma referência”, revela Miguel Amado.

A primeira máquina fotográfica de Kiluanji Kia Henda veio da antiga URSS e foi comprada pelo irmão. A fotografia surgiu como instrumento de política e de intervenção, durante os dois anos que viveu na África do Sul, no período do *apartheid*. “Mas foi em 2000, no Elinga Teatro, que desenvolvi o lado mais poético da imagem, quando iniciei uma relação com os artistas plásticos de lá (*Os Nacionalistas*). Muito do meu trabalho artístico é reinventar a realidade. Ter permissão para mentir é um jogo entre a realidade e a ficção”, revela o artista. É esse gosto de poder reverter os poderes que o leva a criar o seu projeto *O.R.G.A.S.M* (Organização dos Estados Africanos para a Melancolia na Europa), que satiriza as ONG do Ocidente presentes em África “e cheias de interesses”. A este tipo de arte, ou de sátira à realidade, o artista apelida de “pornomiséria”, termo que retirou da Colômbia.

### O artista visionário

O nome de Nástio Mosquito é incontornável. “DZzzz”, som de um mosquito, como gosta de assinar, não conhece limites artísticos. É um visionário, e para os principiantes o seu trabalho pode ser difícil de entender. Faz *performances*, é produtor e realizador, escreve, canta e, acima de tudo, provoca.

Trabalha individualmente ou com o coletivo Bofa da Cara, um grupo de artistas sediado em Barcelona. “Os seus trabalhos retratam o eurocentrismo: como os ocidentais vêem os africanos. Em 2011 organizei uma mostra de vídeos dos artistas com o nome de *Coisas Poéticas que São Políticas*, no Museu do Chiado, em Lisboa”, comenta Miguel Amado.

Apesar de ocupar o 6020.º lugar na Artfacts.net, o angolano é a grande aposta de 2013. E não foi por acaso que no final do ano passado foi convidado para participar no projeto *Across the Board*, durante dois anos, que tem como objectivo expandir a cultura africana num dos pólos da galeria de arte moderna mais visitada do mundo: a Tate Modern, que pertence à Tate Gallery.

“Os museus ou as fundações mais rapidamente compram audiovisuais do que um particular. O Nástio é, assim, difícil de comprar, já que um particular, por norma, prefere uma peça de arte e não um vídeo, que é o suporte com que ele trabalha”, explica o comissário da PLMJ. Mas a tendência está a mudar. E hoje já é possível ver paredes brancas em casa dedicadas exclusivamente à projecção de audiovisuais. Durante uma festa, não há nada melhor do que entreter os convidados com uma boa mostra de vídeos.

► **Os primeiros no mercado contemporâneo**

É impossível analisar o mercado sem mencionar a primeira geração que desenhou a arte contemporânea do país no período conturbado da independência. Oriundo da capital, António Ole começou na década de 60 e é uma referência da arte nacional e, sem dúvida, um bom investimento. “Pinto, trabalho com fotografia, sou cineasta e faço instalações. Acredito que os artistas têm toda a liberdade. Sou um dos mais antigos contemporâneos angolanos, com uma carreira de 45 anos. Por isso tenho uma rotação alta e obras de uns milhares de dólares”, explica o artista.

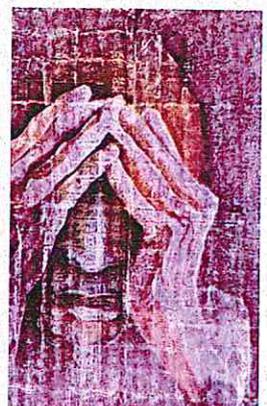
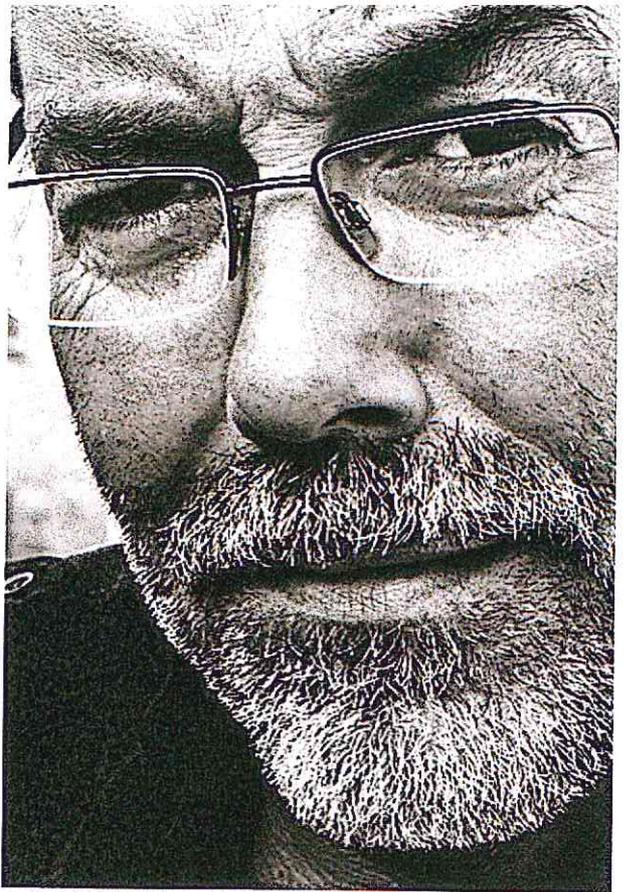
A componente social e o cunho político eram evidentes nas primeiras obras. Até o lixo do chão, abandonado pela sociedade, pode integrar uma das suas obras. Como angolano, trabalha na identidade do seu país e procura recuperar o que Angola não teve tempo de reflectir em plena guerra.

Quem também o faz, mas com uma outra perspectiva, é o luso-angolano Miguel Barros. Com 25 anos de carreira, o artista plástico tem vindo a expor os seus trabalhos no universo lusófono. Apesar de residir em Angola há quatro anos, a sua visão exterior é fundamental para completar o puzzle da arte contemporânea. “Para mim, tem sido umas das grandes experiências de vida e sinto-me um privilegiado por esta vivência neste país fervoroso, alegre e cheio de esperança no dia de amanhã. Vivo a vida com uma descontração que nos ensina o que de facto é prioritário e fundamental para que sejamos melhores enquanto seres humanos. Afinal não é preciso muito para se ser feliz!”, confessa Miguel Barros, que este ano vai expor no IC – Instituto Camões de Luanda, de 22 de Janeiro a 13 de Fevereiro (veja caixa ao lado).

**Os novos talentos promissores**

Délio Jasse está no pacote dos artistas plásticos e pronto para dar cartas em 2013. “Nasci em Angola, mas vim para Lisboa para fugir da guerra e do serviço militar. O meu trabalho reflecte as burocracias.” O som e a imagem dos carimbos, por exemplo, para tratar de um visto marcam o percurso artístico. Trabalha com a memória. Procura fotografias esquecidas ou de passaportes perdidos. “Sou responsável por dar uma nova vida a essas imagens. Fotografo os objectos e trabalho essa fotografia”, revela o artista, que em 2012 foi convidado a participar na primeira edição do JAANGO, o 1.º Movimento de Jovens Artistas Angolanos, apoiado pelo BESA. Os seus trabalhos podem chegar aos três mil dólares e o amarelo é uma cor transversal nas suas obras, “como se fosse a contaminação da China, em Angola”.

2013 transborda de novos talentos nacionais. A par de Délio Jasse, os angolanos Angel Ihosvanny, Marco Kabenda, Francisco Vidal e Jorge Gumbe, entre outros, pertencem a uma geração que garante impor-se no *mainstream* internacional. “Angola está a caminho de se equiparar a um forte mercado de arte. Na África Subsaariana, Angola e Nigéria são países onde o sistema artístico está em grande desenvolvimento. E cada vez mais estão a estabelecer parcerias com redes internacionais”, destaca Miguel Amado. Conheça de perto o trabalho dos talentos angolanos antes de investir e, sem deixar de fazer boas compras, não se esqueça de que o maior valor está em retirar prazer da arte. **R**



**MIGUEL BARROS**

**O talento deste luso-angolano tem sido apreciado em Luanda. Este ano vai expor no IC – Instituto Camões de Luanda, de 22 de Janeiro a 13 de Fevereiro.**

As suas obras reflectem “a variedade de tons, cores, paisagens e lugares que neste país são a nascente das três cores primárias”, explica Miguel Barros.

“Com Angola reaprendi a ter esperança na vida, nas pessoas, percebi melhor o ser humano e re(descobri) que há gente boa no mundo e que está disposta a ajudar.”

A quem adquire as suas obras, Miguel exprime um desejo: “Que usem e abusem da liberdade do olhar, de um sentimento e de uma entrega no momento em que observam uma tela.” O artista plástico considera que os melhores críticos de arte são... as crianças. “Gosto de ouvir as crianças quando olham para os meus quadros e o imaginário delas voa, voa e é uma maravilha.” **R**